

ARTIGO ORIGINAL

**PAPEL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NA
DESMISTIFICAÇÃO DA HANSENÍASE NO BRASIL:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

*ROLE OF NURSING PROFESSIONALS IN DEMYSTIFYING LEPROSY
IN BRAZIL: AN INTEGRATIVE REVIEW*

*EL PAPEL DE LOS PROFESIONALES DE ENFERMERÍA EN LA
DESMISTIFICACIÓN DE LA LEPRO EN BRASIL: UNA REVISIÓN
INTEGRADORA*

JULIA CRAVEIRO DE SOUSA

Graduação em Bacharelado em Enfermagem. UESPI, Centro de Ciências da Saúde,
Teresina – PI.

E-mail

juliacraveirodes@aluno.uespi.br

Orcid do autor

0009-0006-6315-560X

PAPEL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NA DESMISTIFICAÇÃO DA HANSENÍASE NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*ROLE OF NURSING PROFESSIONALS IN DEMYSTIFYING LEPROSY
IN BRAZIL: AN INTEGRATIVE REVIEW*

*EL PAPEL DE LOS PROFESIONALES DE ENFERMERÍA EN LA
DESMISTIFICACIÓN DE LA LEPROA EN BRASIL: UNA REVISIÓN
INTEGRADORA*

Resumo

Esta revisão tem como objetivo investigar, por meio da literatura científica, como os profissionais de enfermagem no Brasil têm atuado na educação em saúde voltada à população, especificamente no enfrentamento dos estigmas relacionados à hanseníase, na última década (2015 a 2025). Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cuja coleta de dados foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), resultando na seleção de 11 artigos pertinentes ao tema. Os achados evidenciam uma atuação presente, porém ainda limitada, dos profissionais de enfermagem em ações educativas voltadas à desmistificação da doença. Além disso, os resultados apontam para uma carência de políticas públicas mais amplas e projetos contínuos de conscientização que envolvam não apenas o setor saúde, mas também a sociedade e instituições de ensino, a fim de reduzir o preconceito e promover o diagnóstico precoce e o tratamento adequado da hanseníase no país.

Palavras-chave: hanseníase; educação em saúde; enfermagem; estigma; doenças negligenciadas.

Abstract

This review aims to investigate, through scientific literature, how nursing professionals in Brazil have been working in health education aimed at the population, specifically in confronting the stigmas related to leprosy, in the last decade (2015 to 2025). This is an integrative literature review, whose data collection was carried out in the Virtual Health Library (BVS), resulting in the selection of 11 articles relevant to the topic. The findings show a present, but still limited, performance of nursing professionals in educational actions aimed at demystifying the disease. In addition, the results point to a lack of broader public policies and continuous awareness projects that involve not only the health sector, but also society and educational institutions, in order to reduce prejudice and promote early diagnosis and adequate treatment of leprosy in the country.

Keywords: leprosy; health education; nursing; stigma; neglected diseases.

Resumen

Esta revisión tiene como objetivo investigar, a través de la literatura científica, cómo los profesionales de enfermería en Brasil han actuado en la educación en salud dirigida a la población, específicamente en el enfrentamiento de los estigmas relacionados a la hanseníasis, en la última década (2015 a 2025). Se trata de una revisión integradora de literatura, cuya recolección de datos

se realizó en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), resultando en la selección de 11 artículos relevantes al tema. Los hallazgos muestran que los profesionales de enfermería aún participan en actividades educativas dirigidas a desmitificar la enfermedad, aunque aún son limitadas. Además, los resultados apuntan a una falta de políticas públicas más amplias y proyectos de concientización permanentes que involucren no sólo al sector salud, sino también a la sociedad y a las instituciones educativas, con el fin de reducir los prejuicios y promover el diagnóstico temprano y el tratamiento adecuado de la lepra en el país.

Palabras clave: lepra; educación para la salud; enfermería; estigma; enfermedades desatendidas.

1 Introdução

A *Mycobacterium leprae* (ou “bacilo de Hansen”) e a *Mycobacterium lepromatosis* são actinobactérias que atacam a pele e os nervos periféricos, comumente associada a manchas com perda de sensibilidade e ulcerações cutâneas; ela é transmitida através da saliva e de contato íntimo e prolongado com pessoas hospedeiras da bactéria que possuam a forma multibacilar e não tratada da doença.

Apesar de recente se comparado com os primeiros registros de casos de hanseníase, que datam de mais de dois mil anos atrás, já se passaram mais de quatro décadas desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou pela primeira vez a poliquimioterapia (PQT) em 1981 como tratamento definitivo para a hanseníase, que até a década de 1940, não possuía cura. No Brasil, além da PQT oferecida gratuitamente, o Sistema Único de Saúde (SUS) também conta com campanhas anuais de conscientização a respeito da doença de Hansen, como o janeiro Roxo, com o objetivo de dar visibilidade à patologia, frisar a importância do seu diagnóstico e tratamento precoces e esclarecer a população quanto aos preconceitos que ainda a precedem.

Entretanto, é válido mencionar que a OMS declara a hanseníase como uma doença tropical negligenciada, visto que ela afeta majoritariamente a população mais vulnerável socioeconomicamente, além do investimento escasso em pesquisas se comparado com as grandes enfermidades (AIDS, tuberculose e malária), a falta de disponibilidade e acessibilidade ao tratamento por populações de áreas mais desfavorecidas e os demais casos de subnotificação devido ao longo tempo de incubação da *M. leprae*.

Após a disponibilização do tratamento através da PQT, é evidente a queda significativa no número de pessoas acometidas pela hanseníase, mas mais precisamente dos casos nos quais ocorrem manifestações mais graves, como deformações físicas no paciente, e até morte pela doença, porém, a concentração de casos em locais endêmicos ainda é alarmante; cerca de 80% dos casos totais de hanseníase que são notificados anualmente no mundo todo estão concentrado em apenas três países, sendo o Brasil um deles.

demais, há fatores que devem ser evidenciados no que diz respeito ao atraso tanto do diagnóstico quanto da conclusão do tratamento da doença de Hansen, sendo um dos principais o estigma que a doença carrega; no Brasil, até o ano de 1873, quando a bactéria foi identificada, a hanseníase ainda era atrelada à visões religiosas, sendo considerada fruto de pecado ou castigo divino, visão essa que perdura até hoje fortemente influenciada pelos textos bíblicos, que datam de uma época na qual a hanseníase, ainda chamada de “lepra”, não possuía cura conhecida, o que levava as pessoas infectadas a desenvolver a forma mais avançada e mais transmissível da doença, tudo isso em conjunto com o preconceito envolvendo as deformidades físicas consequentes do quadro. A disseminação de informações incorretas associada a negligência das instituições públicas, são uma das causas mais frequentes de desenvolvimento de depressão e abandono do tratamento entre os pacientes infectados que iniciaram o tratamento.

Diante do exposto, torna-se necessário avaliar qual o papel e os desafios do enfermeiro no combate de informações enganosas e na conscientização da população quanto à hanseníase, sinais a serem observados e a necessidade de diagnóstico precoce e da continuidade do tratamento em caso positivo, tendo em vista que o profissional de enfermagem é responsável por orientar passar maior tempo em contato direto com o paciente.

2 Materiais e métodos

Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, cuja finalidade é reunir e analisar estudos disponíveis na literatura científica sobre a atuação de profissionais de enfermagem na educação em saúde voltada à hanseníase, com ênfase na quebra dos estigmas sociais envolvendo a doença. A coleta de dados foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por meio da combinação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "hanseníase", "enfermagem", "educação em saúde" e "estigma social". Os termos foram cruzados utilizando o operador AND.

Inicialmente, foram identificados 130 artigos relacionados à hanseníase e à educação em saúde. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 11 artigos que atenderam aos critérios de inclusão definidos.

Os critérios de inclusão estabelecidos para esta revisão foram: artigos publicados no período de 2015 a 2025; estudos que abordassem estratégias utilizadas por profissionais de enfermagem na redução do estigma relacionado à hanseníase; publicações que enfatizassem a importância do diagnóstico precoce; artigos que abordassem a situação atual da capacitação dos profissionais de enfermagem quanto à sua conduta frente à doença; estudos que avaliassem o nível de conhecimento da população sobre a hanseníase.

Foram excluídos os estudos que tratavam exclusivamente da capacitação técnica voltada ao tratamento clínico da hanseníase; e não tinham como foco o profissional de enfermagem, priorizando outros membros da equipe multiprofissional.

3 Discussão

O profissional de enfermagem, enquanto agente orientador, desempenha papel fundamental na promoção da educação em saúde, sendo responsável por esclarecer a população acerca da sintomatologia, formas de transmissão e condutas adequadas frente à hanseníase. A partir da análise dos artigos selecionados para esta revisão, observou-se que a baixa capacitação dos profissionais de enfermagem — incluindo enfermeiros e técnicos — é frequentemente mencionada como um dos principais entraves à comunicação eficaz com a população sobre a doença, independentemente de o indivíduo estar infectado ou não. Essa lacuna de conhecimento também é evidenciada em estudos realizados fora do contexto brasileiro.

O principal objetivo desta pesquisa foi identificar projetos ou campanhas coordenadas por profissionais de enfermagem que tenham como propósito a desconstrução de preconceitos relacionados ao diagnóstico da infecção por *Mycobacterium leprae*. Constatou-se, no entanto, uma escassez significativa dessas iniciativas, que se restringem, em sua maioria, a campanhas governamentais já consolidadas, como o “Janeiro Roxo”, ou a ações pontuais, como palestras desenvolvidas em projetos de extensão universitária durante os estágios supervisionados de estudantes de enfermagem. Ademais, foi possível verificar que essas ações, apesar de relevantes, nem sempre recebem a devida atenção por parte da população.

Um estudo conduzido por Silva, Aguiar Júnior e Santos (2024) corrobora as evidências encontradas nesta revisão quanto à limitação do conhecimento da população sobre a hanseníase. A pesquisa, realizada com 112 participantes, evidenciou que a transmissão da doença ainda gera dúvidas. Embora pouco mais da metade dos entrevistados (51,8%) tenha declarado conhecer o modo de transmissão, um percentual ainda maior (59,4%) acreditava, de forma equivocada, que o contágio ocorre por meio do contato direto com a pele de pessoas infectadas.

Além disso, observou-se que o conhecimento relacionado ao tratamento e aos sinais e sintomas da doença também é escasso. Apenas 33% dos participantes afirmaram

conhecer o tratamento, enquanto 56,3% relataram ter pouco conhecimento sobre os sintomas da enfermidade. Esses dados reforçam a necessidade de ampliar as ações de educação em saúde, utilizando estratégias mais acessíveis e contínuas, com foco não apenas na população geral, mas também entre os profissionais de saúde, para combater mitos e preconceitos historicamente enraizados (Silva; Aguiar Júnior; Santos, 2024).

Tais dados evidenciam que, embora o conhecimento da população sobre a hanseníase tenha se ampliado nas últimas décadas, ainda persiste a necessidade de fortalecer os meios de disseminação de informações corretas e acessíveis sobre a doença. A utilização de linguagem mais simples e familiar, bem como a desvinculação do termo popular “lepra” das conotações religiosas e negativas associadas à sua representação como uma doença altamente contagiosa e incurável, mostram-se estratégias fundamentais nesse processo educativo.

Além da orientação direcionada aos usuários do sistema de saúde, foi identificado que outros membros da equipe de enfermagem também carecem de formação adequada quanto à conduta correta diante de pessoas acometidas pela hanseníase. Há relatos de profissionais que ainda recomendam o isolamento total dos pacientes e de seus pertences, evidenciando desinformação que pode contribuir para a perpetuação do estigma e para práticas discriminatórias dentro do próprio ambiente de cuidado.

4 Conclusões

A partir da análise dos estudos selecionados nesta revisão integrativa, observou-se que, embora os artigos tenham sido filtrados com base em seus resumos e nos critérios estabelecidos, a abordagem quanto aos métodos específicos utilizados pelos profissionais de enfermagem na promoção da educação em saúde sobre a hanseníase ainda se mostra limitada. Em grande parte das publicações, as estratégias de enfrentamento ao estigma e de orientação da população são apenas mencionadas de forma breve e superficial, expondo uma lacuna na literatura quanto à atuação desses profissionais na construção do conhecimento da população sobre a doença.

Torna-se evidente a necessidade de intensificar os esforços para ampliar a visibilidade e o enfrentamento desse agravo em saúde pública. Tal esforço inclui, sobretudo, o fortalecimento de políticas públicas, a ampliação do financiamento de campanhas educativas e a valorização de projetos contínuos de educação em saúde que envolvam ativamente os profissionais de enfermagem.

O papel do enfermeiro vai além da assistência técnica; ele se configura como agente multiplicador de informação e conscientização. Dessa forma, iniciativas que visem qualificar a atuação desse profissional na abordagem da hanseníase são importantes para o combate ao preconceito histórico ainda associado à doença. A desmistificação de ideias equivocadas, como a de que a hanseníase é altamente contagiosa ou incurável, deve ser prioridade em estratégias educativas acessíveis, culturalmente sensíveis e baseadas em evidências.

A ampliação do conhecimento da população sobre os sinais e sintomas da hanseníase, suas formas de transmissão e a eficácia do tratamento gratuito oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) contribui diretamente para a redução das taxas de subnotificação, muitas vezes causadas pelo medo do julgamento social e do isolamento. Estimular o diagnóstico precoce e o seguimento terapêutico contínuo são medidas que devem ser tomadas para a quebra do ciclo de estigmatização e para o alcance de melhores indicadores de controle e erradicação da doença.

Portanto, conclui-se que há necessidade de maior incentivo à produção científica que explore a atuação da enfermagem no campo da educação em saúde sobre a hanseníase, bem como o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes e frequentes nos serviços de saúde, especialmente nas regiões endêmicas da doença.

Referências

- ALENCAR, O. M. et al. Hanseníase: crenças e tabus de agentes comunitários de saúde. **Revista Bioética**, v. 29, n. 3, p. 606-614, jul./set. 2021.
- BATISTA, S. O. et al. Estigma da hanseníase por agentes comunitários de saúde: fatores associados. **Hansenologia Internationalis**, v. 47, p. 1-17, 2022.

BBC NEWS BRASIL. Hanseníase: a doença antiga que a ciência não consegue eliminar. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-64450675>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GARCÍA, G. S. M. et al. Território, doenças negligenciadas e ação de agentes comunitários e de combate a endemias. **Revista de Saúde Pública** (Online), v. 56, p. 1-11, 2022.

GIOVANNA. **Saúde divulga panorama da hanseníase no Brasil**. Associação Paulista de Medicina – APM. Disponível em: <https://www.apm.org.br/saude-divulga-panorama-da-hansenia-no-brasil/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. Secretaria de Estado da Saúde. Supat/Duvas. Gerência de Atenção à Saúde. Coordenação de Atenção às Doenças Transmissíveis. Supervisão de Hanseníase. Dia Mundial de Luta Contra a Hanseníase. Teresina: Secretaria de Saúde do Estado, 2020. 1 p.

IMPrensa QUATIS. **Janeiro Roxo: mês de conscientização e combate à hanseníase** – Prefeitura Municipal de Quatis. Disponível em: <https://quatis.rj.gov.br/janeiro-roxo-mes-de-conscientizacao-e-combate-a-hanseniase/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LOPES, F. M.; LANA, F. C. F. Participação popular no controle da hanseníase: um desafio para o serviço de saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 23, n. 2, p. 235-240, mar./abr. 2015.

LOUZARDO, L. S. et al. Pet-Saúde interprofissionalidade: um relato de experiência durante a semana de campanha nacional da hanseníase em uma unidade básica de saúde, Belém, Pará. **Revista APS**, v. 24, n. 2, p. 395-402, 5 nov. 2021.

MARINHA DO BRASIL. Hanseníase: mudança de paradigmas. Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/eamsc/node/210>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MORAIS, R. X. B. et al. Perfil de conhecimento sobre hanseníase entre pacientes de um hospital universitário: um estudo transversal. **Hansenologia Internationalis**, v. 49, p. 37421, 2024.

PINHEIRO, M. G. C. et al. Contribuição de práticas educativas para conhecimento de escolares do ensino médio sobre hanseníase. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v. 9, n. 11, p. 9804-9810, nov. 2015.

SILVA, J. C. A.; RIBEIRO, M. D. A.; OLIVEIRA, S. B. Avaliação do nível de informação sobre hanseníase dos agentes comunitários de saúde. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, v. 29, n. 3, p. 364-370, jul./set. 2016.

SILVA, T. M. A.; AGUIAR JÚNIOR, V. S.; SANTOS, J. R. B. Estigma social e hanseníase: identificação de conhecimento como estratégia de educação em saúde. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 14, 2024. Disponível em: . Acesso em: 31 mar. 2025.

SUGAWARA-MIKAMI, M. et al. Pathogenicity and virulence of *Mycobacterium leprae*. **Virulence**, v. 13, n. 1, p. 1985–2011, 3 nov. 2022.

TEIXEIRA, R. R. et al. Baixo conhecimento de doadores de sangue sobre a hanseníase como fator de vulnerabilidade para a disseminação da doença. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 19, n. 1, p. 33-36, 17 jun. 2020.

TIERNEY, D.; NARDELL, E. A. Hanseníase. Manual MSD para profissionais de saúde. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/doen%C3%A7as-infeciosas/micobact%C3%A9rias/hansen%C3%ADase>. Acesso em: 31 mar. 2025.